



News release

Date 25 de Janeiro de 2011

Contact Diana Aguilar | Diana.aguilar@porternovelli.pt
213 136 117 | 933 382 131
Rui Silva | Rui.silva@porternovelli.pt
213 136 104 | 933 062 131

14th Annual PwC Global CEO Survey

Gestores mundiais mais confiantes no crescimento da economia mundial

- *China é considerada o motor do crescimento económico mundial*
 - *Maioria dos gestores mundiais planeiam contratar em 2011*
- *Gestores concordam que os cortes de gastos públicos ou o aumento de impostos vão abrandar o crescimento económico do seu país*

Dois anos após o auge da recessão global, a confiança dos gestores mundiais no crescimento futuro da economia foi restabelecida aos níveis existentes antes da crise económica mundial. Dos 1201 CEOs inquiridos, 48% admitem estar “muito confiantes” no crescimento da economia nos próximos 12 meses, aproximando-se dos 50% que referiram ter esses níveis de confiança no inquérito realizado em 2008 e em contraste com os 31% registados de 2009.

Esta é uma das principais conclusões do 14º Annual Global CEO Survey, desenvolvido pela PwC durante o último trimestre de 2010. O survey foi efectuado a 1201 gestores de 69 países (420 da Europa Ocidental, 257 da Ásia Pacífico, 221 da América Latina, 148 da América do Norte, 98 da Europa de Leste e 57 do Médio Oriente e África).

De acordo com o estudo, 88% dos gestores referem ter agora boas perspectivas para os próximos 12 meses, em contraste com os 81% registados no último survey. A longo-prazo, 94% dos inquiridos estão confiantes no crescimento nos próximos três anos, um aumento de dois pontos percentuais em relação ao ano anterior. Esta confiança no crescimento da economia é visível em todos os continentes, particularmente nos CEOs da Índia, Áustria, Colômbia, Peru, China, Tailândia e Paraguai. A nível regional, os gestores da Europa Ocidental são os menos confiantes. Uma excepção são os CEOs alemães, sendo que cerca de 80% deles revelam estar “muito confiantes”, mais 20% do que no ano passado.

Os gestores consideram que a China é o país mais importante no que diz respeito ao crescimento económico mundial, tendo sido nomeada por 39% dos inquiridos, seguindo-se a referência aos EUA (21%), ao Brasil (19%) e à Índia (18%). A China, os EUA e a Índia são também considerados como as fontes mais importantes de produtos e matérias-primas. A nível regional, 90% dos gestores acreditam que as suas operações irão crescer na Ásia, seguido da América Latina (84%), da África (75%), do



Médio Oriente (72%) e da Europa de Leste (70%). No entanto, apenas um terço dos inquiridos admite que o país onde estão sediados tem um grande potencial de crescimento.

Estrategicamente, as melhores oportunidades de crescimento nos próximos 12 meses surgirão do desenvolvimento de novos produtos e serviços (29%), do aumento da participação nos mercados (29%) e da entrada em novos mercados (17%). Por outro lado, as fusões & aquisições e as joint ventures surgem por arrasto entre as estratégias de crescimento.

“Os gestores conseguem agora visualizar novas oportunidades para o crescimento económico, mesmo a curto-prazo, e estão determinados a tirar o máximo proveito da melhoria das condições económicas mundiais e a aumentar a procura dos seus clientes” salienta Dennis M. Nally, Chairman da PricewaterhouseCoopers International.

“A retoma da economia mundial está a processar-se em duas etapas. As economias emergentes, como a China, Índia e Brasil, estão a ter níveis de crescimento que ultrapassam as nações mais desenvolvidas. Esta mudança no equilíbrio do poder económico tem criado um enorme desafio aos gestores, que se vêem confrontados com decisões sobre como e onde investir ao nível dos recursos humanos, instalações e inovação. As empresas que consigam compreender isso e investir em activos diferentes, quer nas economias desenvolvidas, quer nas emergentes, conseguirão ter sucesso nos próximos anos”.

A confiança dos gestores reflecte-se também nos planos de recrutamento. Mais de metade dos CEOs mundiais (51%) têm intenção de aumentar o número de postos de trabalho nos próximos 12 meses, face aos 39% do último survey. Os gestores da Europa Central, da Ásia Pacífico e da África estão particularmente determinados a contratar. Apenas 16% dos inquiridos admitem que terão de fazer cortes no número de funcionários durante este ano (em contraste com os 25% do ano passado).

O impacto da recessão na estratégia das empresas foi também evidente nos resultados do survey deste ano. A maioria dos gestores (84%) referem que tiveram de alterar a estratégia da sua empresa nos últimos dois anos e cerca de um terço admitem que essas mudanças foram fundamentais. Estas mudanças estratégicas foram impulsionadas principalmente pela incerteza económica, pelas necessidades dos clientes e pela dinâmica pós-recessão. A maioria dos CEOs admite que tem planos para alterar as suas estratégias de gestão de talentos (83%), de gestão de risco (77%), de investimento (76%) e estrutura organizacional (74%).

Nesta edição do CEO Survey, cerca de 64% dos gestores planeiam reduzir os custos nos próximos 12 meses, em contraste com os 70% que responderam no ano passado. 34% dos inquiridos afirmam que vão completar uma fusão ou aquisição, cerca de metade espera formar uma aliança estratégica ou uma joint-venture e 31% referem que planeiam terciarizar uma determinada função de negócios. A Europa Ocidental, a Ásia e a América do Norte foram as regiões mais propícias para fusões e aquisições.

Outras conclusões do 14º Annual PwC Global CEO Survey:

Ameaças aos negócios futuros:

Cerca de 75% dos gestores mundiais apontaram a incerteza e a volatilidade do crescimento da economia mundial como uma potencial ameaça aos seus negócios (acima dos 66% do ano passado). E cerca de um terço dos inquiridos admitem que estão “extremamente preocupados” com as perspectivas económicas. Outra ameaça comumente referida foi a capacidade de resposta dos governos em relação ao deficit (61%); a regulação excessiva (60%); a volatilidade das taxas de câmbio (54%); a instabilidade do mercado de capitais (52%) e o proteccionismo (40%). A inflação foi citada por menos de um terço dos inquiridos.



Entre as ameaças, 56% nomearam a disponibilidade de competências-chave, seguida do aumento dos impostos (55%) e as alterações sistemáticas no comportamento dos consumidores (48%). A escassez de talento é também uma preocupação na Ásia Pacífico, na Europa Central e de Leste, no Médio Oriente e na África.

Os riscos globais mais citados pelos gestores mundiais incluem instabilidade política (58%), escassez de recursos naturais (34%), alterações climáticas (27%) e desastres naturais (25%).

Prioridades dos Governos:

Cerca de metade dos gestores afirmam que a prioridade do governo deveria ser impulsionar as infra-estruturas do país, seguido da criação e da promoção de uma força de trabalho qualificada (47%); do reforço da estabilidade do sistema financeiro (45%) e do acesso ao crédito (45%). Mais de 60% dos CEOs concordam que os cortes nos gastos públicos ou o aumento de impostos vai abrandar o crescimento económico do seu país e 53% dizem que os seus impostos vão subir devido à reacção dos governos ao aumento da dívida pública. Pouco mais de um terço dos CEOs referem que sua empresa fez alterações estratégicas devido aos cortes nos gastos públicos ou ao aumento de impostos.

O desafio do Talento:

Para os CEOs inquiridos, os maiores desafios para os próximos três anos no que se refere à “guerra por talentos” são a oferta limitada de candidatos com competências adequadas (66%); o recrutamento e a integração dos trabalhadores mais jovens na força de trabalho (54%); a perda de funcionários altamente qualificados para a concorrência (52%) e a oferta de planos de carreira atraentes (50%). As estratégias que os gestores apontam como fundamentais para ultrapassar estes desafios são o aumento da motivação através de recompensas não-financeiras (65%), a disponibilização de pessoal em missões internacionais (59%) e o aumento de qualificações (54%).

Sobre a PwC

As firmas da network PwC prestam serviços profissionais de auditoria, fiscalidade e assessoria de gestão orientados por indústria, de forma a acrescentar valor aos seus clientes. Mais de 161.000 profissionais em 154 países distribuídos pelas firmas da rede da PwC partilham as suas ideias, experiências e soluções para desenvolverem novas perspectivas e uma assessoria efectiva. Para mais informações aceda a www.pwc.com/pt

“PwC” é a marca sob a qual operam e prestam serviços as firmas que fazem parte da PricewaterhouseCoopers International Limited (PwCIL). Juntas, estas firmas formam a rede PwC. Cada uma das firmas é uma entidade legal distinta e não actua como agente da PwCIL, nem das restantes entidades membros da network. A PwCIL não presta serviços a clientes. A PwCIL não assumirá qualquer responsabilidade por actos ou omissões praticados no exercício da actividade profissional dos seus membros, nem exerce qualquer controlo sobre, ou os vincula juridicamente.

Nota

PwC é escrito com o P e o C em letra maiúscula. Apenas o logótipo da PwC é representado com todas as letras em minúsculas.